

ESCOLA, MERCADO CULTURAL E A NOVA PRÁTICA ANTICANÔNICA

Amyres de Souza

As últimas décadas do século XX foram marcadas por mudanças rápidas e profundas: a consolidação do processo de globalização, o colapso do socialismo soviético, o advento do Aids - e suas amplas conseqüências na esfera dos costumes -, a substituição dos grandes projetos utópicos pela defesa de pequenas causas. No campo das artes, a indústria cultural mostra todo seu poder de fogo, destruindo mitos e preferências estéticas com a mesma rapidez com que os fabrica a cada temporada. Os “quinze minutos de fama”, previstos por Andy Warhol, parecem definitivamente incorporados ao novo cenário marcado pela fugacidade.

O mercado cultural sofre profundas transformações, provocadas pela rápida massificação de seus produtos, que se tornam transnacionais, em consonância com o processo de globalização econômica. Busca-se atingir o maior número possível de consumidores, mas, ao mesmo tempo, cresce a especialização no processo em que são produzidos e comercializados os bens, de modo a atender aos diferentes gostos e necessidades dos diversos segmentos da sociedade: homens, mulheres, homossexuais, adultos, crianças, jovens, velhos, aposentados, letrados, não-letrados, punks, esotéricos, funkeiros, etc. Há nichos para todas as “tribos”, provenientes de todas as classes econômicas.

Apesar disso, as sociedades pós-modernas, ou, como identifica Beatriz Sarlo, em *Cenas da vida pós-moderna*, as sociedades surgidas da modernidade tardia, não concretizam o ideal democrático e igualitarista.¹ A pluralidade de oferta de produtos de cultura esconde a homogeneização cultural, numa cena em que os ideais coletivos empobreceram. A massificação cria e reproduz necessidades de consumo que parecem ser frutos apenas dos desejos individuais.

¹ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.164.

As identidades se fragmentaram e o mercado se tornou agente que unifica e seleciona, criando, ainda, a ilusão da diferença.

Nesse cenário, as formas e as temáticas escolhidas pelos novos poetas são variadas, assim como os estilos e as referências. Em meio à diversidade de discursos que se fazem ouvir, voz lírica e sociedade de massas se interpenetram na poética contemporânea e algumas manifestações da poesia brasileira mostram-se ligadas a várias áreas da cultura, sem seguir modelos.

Uma vez que são ultrapassadas as fronteiras que tradicionalmente separam em setores estanques a cultura erudita, a cultura de massa, a literatura e as outras artes e produtos midiáticos, a poesia se aproxima de diversas manifestações artísticas, sejam elas populares ou de elite, numa articulação que confunde os limites entre os muitos tipos de produção cultural, numa associação com artes plásticas, fotografia, música, expressão corporal e performances variadas, caracterizando um processo de hibridização entre as chamadas “alta” e “baixa” culturas.

A crítica e o público começam a aceitar as diferenças e uma multiplicidade de vozes, antes silenciadas, se faz ouvir: a presença feminina se consolida na cena literária; a poesia negra e a construção homoerótica da persona lírica podem ser observadas claramente. Também é significativa a presença maior - em editoras, publicações e eventos literários - de poetas oriundos de favelas e bairros pobres ou distantes dos “centros”. O trânsito livre oferecido pelas páginas da Internet é utilizado para divulgação de produções culturais de “minorias”, muitas vezes, ligadas a movimentos sociais que começam como periféricos e ganham maior espaço através da ampla divulgação.

Observa-se que a abertura de grandes e pequenas editoras para os títulos de poesia, veio acompanhada do surgimento de revistas especializadas, encontradas em livrarias ou bancas de jornais e do evidente aquecimento desse segmento do mercado, ainda restrito, composto

principalmente por poetas e simpatizantes. Essa restrição, entretanto, apresenta uma vantagem: a relativa autonomia em relação às regras impostas pelo mercado editorial.

Mais recentemente, a leitura de poesia tem sido, sobretudo a partir dos anos 90, registrada em CDs gravados pelos próprios autores ou personalidades do *show bizz*, que também produzem espetáculos com textos poéticos atraindo grande público às casas de espetáculos, teatros e espaços alternativos.

A efervescência do rock brasileiro dos anos 80, e sua continuidade na década seguinte, é um exemplo claro de como a produção poética tem expandido sua área de consumo. Originariamente ligadas, música e poesia sempre estiveram próximas, apesar de a escrita as ter tornado independentes uma da outra. Parceiras desde o início, as duas artes encontraram no cenário musical um terreno fértil para se mostrarem unidas, através dos novos intérpretes que se lançavam em bandas ou carreiras solo. Os poetas encontraram o caminho para serem ouvidos por um público mais amplo ao alcance dos meios de comunicação de massa. Assim, diversos nomes surgem primeiramente no cenário musical antes de se lançarem em livros, como é o caso de Antonio Cicero e Arnaldo Antunes.

O objeto literário, como todo produto destinado ao mercado de bens simbólicos, transformou-se em mercadoria e mercadoria de grande e rápida circulação.

Embora ocupando um lugar restrito na mídia, a literatura recebe o tratamento dispensado aos bens de consumo em geral, com sua divulgação sendo feita, inclusive, por empresas de marketing, que realizam sondagens para saber que autores têm mais chances de trazerem maior retorno financeiro para as editoras. Inúmeras estratégias publicitárias são montadas para lançamento e relançamento de livros. Estamos na era da reprodutibilidade técnica, de que trata

Walter Benjamin em seu famoso ensaio *Magia, técnica, arte e política*.² O objeto de arte deixou de ser único, singular, perdeu sua aura, tornando-se sujeito às leis de mercado. A sociedade de consumo não reserva lugar para a aura, mas para um seu simulacro de rápido consumo e substituição.

Neste contexto é interessante discutir como, e em que medida, as instituições de ensino médio e universitário têm absorvido as mudanças que se fazem sentir na poesia contemporânea anticanônica, colocada em circulação pelo mercado cultural.

O ritmo de evolução do sistema educacional é extremamente lento, acompanhado de uma forte inércia estrutural, responsável em grande parte pelo descompasso entre as habilidades de recepção do público e aquelas necessárias à apropriação das inovações introduzidas no mercado cultural. Cabe à escola o papel de preservar o acervo sobre o qual está sedimentada a cultura do Ocidente, legitimando a perpetuação de saberes e obras consagradas, num processo contínuo de conservação cultural. Assim, a atuação das instituições de ensino é decisiva para que os grandes nomes do cânone ocidental sejam permanentemente reeditados, conhecidos e valorizados pelas novas gerações.

Observamos que a universidade tem-se mostrado, de modo geral, receptiva às reflexões dos chamados “estudos culturais”, que se concentram na produção oferecida pelo mercado e na expressão das minorias. Assim, amplia-se o espaço para a leitura e discussão do que escapa aos modelos oferecidos pelo cânone. Analisa-se o intercruzamento entre as diversas esferas artísticas e as novas formas de se fazer poemas. Autores ligados ao pop, como os já citados Arnaldo Antunes e Antonio Cicero, passam a ser discutidos em sala de aula e se tornam assuntos de monografias, dissertações e teses.

² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Antologias - como *Esses poetas*: uma antologia dos anos 90, de Heloísa Buarque de Hollanda, *Outras Praias / Other shores*: 13 poetas emergentes, organizada por Ricardo Corona, *Poesia hoje*, organizada por Celia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento, e *Mais poesia hoje*, de Celia Pedrosa- são materiais de pesquisa e análise utilizados nos meios acadêmicos, contribuindo para a atualização do *corpus* estudado nas faculdades de letras e nos cursos de pós-graduação. A preocupação corrente não parece ser a modificação ou instituição de um novo cânone e as antologias poéticas se mostram contrárias ao caráter exemplar que tradicionalmente marca essas publicações. Os novos poetas recusam rótulos e enquadramentos em uma determinada “geração”. Afinados com essa atomização, os organizadores de antologias não tentam vinculá-los a famílias literárias e se empenham em enfatizar a subjetividade de sua seleção, que, assumidamente, não obedece a critérios rígidos de escolha, mas a afinidades eletivas.

O resultado desse “arejamento”, pode ser constatado no significativo número de ensaios sobre novos poetas, publicados em revistas e livros dirigidos à comunidade acadêmica, assim como dissertações e teses dedicadas à poesia contemporânea.

Embora as obras canônicas continuem nos currículos dos cursos de ensino superior, percebe-se que, cada vez mais, autores e obras ligados ao pop, à cultura midiática se tornam objetos de estudo, o que poderia sugerir um certo nivelamento entre a “alta literatura” e a literatura que rompe com os paradigmas da tradição. Entretanto, um rápido olhar sobre as listas de obras exigidas para os concursos vestibulares revela maior incidência de livros canônicos. Interessa justamente às instituições de ensino superior o aluno que conheça os autores consagrados de nossa língua. Tomás Antônio Gonzaga, Castro Alves, Gonçalves Dias, são seguidos, em geral, por poetas modernistas e concretistas.

No ensino médio, os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que oferecem diretrizes a serem seguidas pelas escolas, reconhecem ser discutível o conceito de texto literário, mas ao apresentarem competências a serem desenvolvidas pelo aluno, se referem apenas à “recuperação pelo estudo literário, do patrimônio representativo da cultura”³, ou seja, ao que está inserido na tradição.

Como seria de se esperar, os livros didáticos seguem essa orientação. Pudemos observar em dez coleções lançadas por editoras de ampla difusão entre os professores (Ática, Scipione, Moderna, Saraiva e FTD), capítulos extensos dedicados à poesia a partir do trovadorismo português até o modernismo e um reduzido número de páginas sobre a produção das últimas décadas. A maioria chega até o Concretismo exemplificando com poucos poemas o que foi rapidamente apresentado e cita alguns autores que se firmaram depois na cena literária. Entre esses, o mais lembrado é Paulo Leminski, que mantém vínculos com a poesia concreta. É pouco mencionada a poesia marginal e seus autores. Letras de música aparecem nos livros escolares, mas, nos volumes ou nos capítulos dedicados ao estudo do Português, ou, em Literatura, em poucos exercícios e na introdução dos capítulos sobre os períodos literários. Percebe-se um certo receio em abordar a produção de “poetas promissores que ainda aparam arestas em suas produção”, como se justificam Ernani e Nicola em sua *Gramática, Literatura e Redação*.⁴

Temos, então, na escola de ensino médio um importante papel na re-edição de obras consagradas, em especial aquelas que já são de domínio público o que, sem dúvida impulsiona as vendas de livros paradidáticos. Obras lidas por exigência de professores e de “listas do vestibular”. Terminado o ano letivo ou realizado o vestibular, o mercado perde um número

³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p.145.

⁴ TERRA, Ernani, DE NICOLA, José. *Gramática, literatura e redação para o ensino médio*. São Paulo: Scipione, 1997. p.366.

expressivo de leitores, como demonstram diversas pesquisas que apontam o fato de que o universitário brasileiro não lê ou lê muito pouco.

Por outro lado, há uma nova e profícua produção que é lançada pelo mercado e que precisa de leitores. Contrapondo-se à lentidão da escola em acompanhar as mudanças, revistas literárias, como a *Cult*, e suplementos, como o caderno *Mais*, do jornal *Folha de São Paulo*, oferecem espaço aos novos poetas – embora seja necessário ressaltar que esses poetas, via de regra, mantenham vínculos com os valores canônicos da considerada “alta literatura”. Apesar dessas publicações serem destinadas a um grupo mais seletivo de leitores e atenderem a projetos empresariais organizados segundo a lei de mercado capitalista, atingem um público que não se restringe aos estudiosos de literatura. Acreditamos que isso tem considerável importância na ampliação e manutenção do gosto dessa elite pela produção poética e no conseqüente aumento da procura por novos poetas nas livrarias, o que torna viável economicamente a sua publicação.

Sintomático dessa busca do mercado por ampliação e mesmo criação de um público leitor de poesia é a série *Como e por que ler*, da editora Objetiva. O volume dedicado à poesia, *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*, é de autoria do professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Italo Moriconi, que já lançara a antologia *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Intelectual influente no meio acadêmico, a tarefa de Italo é claramente tornar acessível o que parece ser difícil e sofisticado demais ao leitor não especializado. A linguagem repleta de gírias não deixa dúvidas de que seu alvo são os jovens e, nas cento e poucas páginas do livro, o tom descontraído procura tornar menos áridas discussões que normalmente se restringem aos meios acadêmicos, como a possível equivalência de valor entre poesia escrita e letra de música assim como a diversidade que compõe atualmente a cena literária. Apesar de considerar Caetano Veloso, Chico Buarque e Caetano Veloso, entre outros, verdadeiros poetas, Italo reconhece diferenças entre a poesia para ser lida e aquela feita para ser musicada e dedica-se a traçar para o leitor um

rápido panorama da poesia a partir do modernismo até a última década. Admitindo seguir os passos de uma outra coleção sobre literatura de língua inglesa, também intitulada *Como e por que ler*, Italo Moriconi cita *O cânone ocidental*, de Harold Bloom, e elabora uma lista com os melhores livros de poesia brasileira do século XX. O que considera o “núcleo de nosso cânone moderno”⁵ são livros de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Murilo Mendes, autores – com exceção de Jorge de Lima – de grande destaque nos currículos e manuais escolares. Entretanto, a linguagem e a organização do volume fogem aos esquemas dos livros didáticos, o que, pelo menos *a priori*, despertaria maior interesse nos jovens.

Um dado significativo é que essa tentativa de ampliar o público leitor de poesia é concretizada por uma editora que tem entre suas publicações diversos títulos que seguem fórmulas de *best-sellers*. Levando-se em conta o fato de que editoras comerciais visam ao lucro e realizam pesquisas antes de lançarem novos livros, acreditamos que a publicação desse trabalho de Italo Moriconi revela a possibilidade de a produção poética ser lucrativa para o mercado editorial e existirem nichos de consumidores em que essa poesia desperta ou é capaz de despertar interesse.

Deve-se considerar, ainda, o fato de um intelectual ampliar também o seu público leitor, passando ele mesmo a fazer parte das estratégias usadas pelo mercado, que é um de seus objetos de estudo. Isso talvez signifique que a força do mercado cultural tenha efetivamente chegado à universidade e que isso não é necessariamente ruim, podendo ser um importante contraponto às limitações da escola e a outras formas de produto cultural imposto pela mídia, que exigem de seu público apenas a passividade de consumidor alienado.

⁵MORICONI, Italo. *Como e por que a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 366..

Bibliografia

- ABAURRE, Maria Luiza, PONTARA, Marcela Nogueira, FADEL, Tatiana. *Português: volume único*. São Paulo: Moderna, 2000.
- AMARAL, Emília, et al.. *Português: novas palavras: literatura, gramática, redação*. São Paulo: FTD, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli, Silva de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Camops Viera. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BUENO, André. *Imagens da mercadoria*. Gragoatá 1 2 sem., 1996). Niterói, EdUFF, 1996
- CANCLINI, Néstor Garcia. *As identidades como espetáculo multimídia. Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo; Atual, 2002.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Musas sob assédio*. MAIS. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 de março de 2002.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff, SOUZA, Jésus Barbosa. *Literatura, produção de textos e gramática*. São Paulo: Saraiva, 1999.
- E SILVA, Antônio de Siqueira, BERTOLIN, Rafael. *Curso completo de Português*. São Paulo: IBEP, s/d.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 3^a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. . *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- . *Políticas da teoria* (Introdução a pós-modernismo e política). 26 ag. 2000. Disponível na Internet: <http://acd.ufrj.br/pacc/polteoria.html>.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de literatura de língua portuguesa: volume único: ensino médio*. São Paulo: Scipione, 2001.
- LOPES, Silvina R. *A legitimação em literatura*. Lisboa, Edições cosmos, 1994.
- MORICONI, Italo. “Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira.” In: PEDROSA, Celia, MATOS, Cláudia, NASCIMENTO, Evando. *Poesia Hoje*. Niterói: EdUFF, 1998. P. 11 – 26.
- *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- quatro (2 + 2) Notas sobre o sublime e a dessublimação. REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA. Florianópolis: BRALIC, 1998.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OYAFUSO et al. *Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio*
- PEDROSA, Celia. Políticas da poesia hoje. Luso –Brazilian Review, XXXVI, 1999.
- PEREIRA, Helena Bonito. *Toda a literatura portuguesa e brasileira: volume único*. São Paulo: FTD, 2000.

- PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e literatura*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- .Políticas da poesia hoje. Luso-Braslian Review, XXXXVI II University of Wisconsin
- PERRONE, Leyla Moisés. *A modernidade em ruínas*. Altas literaturas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RISÉRIO, Antonio. “Sobre a colheita de flores da fala”. In: CORONA, Ricardo (coord.). *Outras praias: 13 poetas brasileiros emergentes = Other Shores: 13 Emerging Brazilian Poets*. Curitiba: Iluminuras, 1997 p. 19 –25.
- SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil – 1979 – 1981 (Cultura versus Arte)
- ANTELLO, Raul et al. (Org.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. ABRALIC, Letras contemporâneas.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- *Paisagens imaginárias : intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- SOUSA, Amyres de. *Mundo clássico, cultura pop, arquivos e deslocamentos: a pluralidade contemporânea em Antonio Cicero*. UFJF: Juiz de Fora, 2001.
- SOUSA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. *Ipotesi* – revista de estudos literários. Juiz de Fora, 122: 11 – 18, jul./dez. 1999.
- TERRA, Ernani, DE NICOLA, José. *Gramática, literatura e redação para o ensino médio*. São Paulo: Scipione, 1997.
- TERRA, Ernani, DE NICOLA, José. Português, volumes 1, 2, 3. São Paulo: Scipione, 2000.

TERRA, Ernani, DE NICOLA, José, CAVALLETE, Floriana Toscano. *Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos: volume único*. São Paulo: Scipione, 2002.

.------. *Traço crítico: ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

VASCONCELOS, Maurício Salles, COELHO, Haudeé Ribeiro Coelho (org.). *1000 rastros rápidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VLASSELAERS, Joris. *Tecnologia mediática e inovação literária*. Trad. Renata Telles e Antonio Carlos Santos In: Antelo et al. *Declínio da arte ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A literatura e o apelo das massas. AVERBUCK, Lúcia (org.) *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984.